

“ARE YOU CATHOLIC?” RELATO DE VIAGEM, REFLEXÕES TEÓRICAS & PERPLEXIDADES . ÉTICAS*

Mariza G.S. Peirano

I

“India — a hundred Indias — whispered outside
beneath the indifferent moon, but for the time
India seemed one and their own”
(E.M. Forster, *A Passage to India*)

Naquela viagem de Roma ao Rio, meu companheiro de avião demorou a descobrir que eu era brasileira. Da mesma forma que inicialmente tomei-o como italiano, com seu terno escuro e colete, ele se deixou levar pelo fato de eu estar lendo um livro em inglês e, naturalmente, pela minha aparência pouco nativa. Mas, logo depois, como para recuperar o tempo, a série de perguntas destinada a definir mais precisamente o

rumo da nossa conversa foi colocada de uma só vez por aquele paulista de Itatiba: “Você é solteira? Casada? Tem filhos?”

Assim, foi necessário apenas eu responder “tenho”, referindo-me naturalmente à última questão, e tudo se definiu. De maneira semelhante ao que havia ocorrido dois dias antes, na véspera do meu embarque em Nova Delhi. Mas, naquela ocasião, a pergunta chave não dizia respeito ao meu estado civil, mas à minha religião: “Are you Catholic?”. Diferentes contextos, diferentes culturas, ensinam os antropólogos. como eu, desde os cursos de introdução à

* Este artigo foi escrito depois de uma viagem à Índia em setembro/outubro de 1987. Agradeço a acolhida amiga que recebi por parte dos sociólogos indianos, especialmente do Prof. T.N. Madan, que gentilmente assumiu o papel de anfitrião e me fez as apresentações necessárias. A viagem foi financiada pela Fundação Ford; a Comissão Fulbright-Capes me concedeu uma bolsa de seis meses em 1986 para pesquisa bibliográfica e o CNPq colabora com uma bolsa de pesquisa. Este é o segundo de uma série de artigos que planejo escrever sobre a experiência da Índia. O primeiro, “A Índia das Aldeias e a Índia das Castas”, foi também publicado em *Dados*, vol. 30, n. 1, 1987, pp. 109-22.

disciplina. Outra trivialidade antropológica é dizer que na Índia a religião “encompassa” as outras dimensões sociais, situação da qual normalmente nos aproveitamos para desvendar o mistério deste verbo inexistente na língua portuguesa. É engraçado: preferimos o termo “encompassar” ao vernáculo “englobar”, possivelmente porque, acostumados ao inglês e ao francês, aquela expressão traz a familiaridade do estrangeiro. Mas o certo é que viver uma situação em que esse fenômeno se mostrava na sua expressão mais corriqueira e inesperada não deixou de surpreender e fascinar, além de sugerir que, às vezes, a vida repete a teoria.

No caso da Índia, o episódio foi vivido na véspera do meu embarque de volta. Eu jantava sozinha no restaurante do hotel quando um jovem indiano pediu licença para partilhar a mesa e, como é comum na interação entre indianos e ocidentais, sentiu-se à vontade para perguntar de onde eu vinha e exclaimar caracteristicamente: “Oh, Brazil, how interesting!” — em sotaque, lógico, indiano. Ao perguntar, após longa pausa, se eu era católica, a minha afirmativa (como não ter religião na Índia?!...) deu-lhe a chave da minha identidade. As perguntas que se seguiram diziam respeito a quantas vezes se rezam missas dominicais no Brasil, se eu ia à missa todos os domingos e outras perguntas igualmente indiscretas.

O meu amigo se chamava Thomas, em homenagem a São Tomás, o apóstolo que pregou o catolicismo no sul da Índia e foi assassinado em Madras. Tudo isso ele me explicou, esclarecendo que vinha de Kerala, estado do sul, cujo nome quer dizer “terra dos coqueiros”, e que cultivava orquídeas que vende em Delhi. Filho de um Joseph, Thomas

entregou-me o seu cartão — prática civilizada na Índia — e mostrou-me inúmeras fotos: das orquídeas, dos parentes, dos barcos que usa para transporte das flores, da vegetação luxuriante de Kerala. Ao me despedir de Thomas e me levantar no final do jantar, vi a decepção dele estampada no rosto. Thomas queria me ajudar a fazer as malas e, inconformado com a minha negativa, esperou três horas no *hall* do hotel para me acompanhar no táxi que me levaria ao aeroporto. Era meia-noite. Precisei novamente desapontá-lo com o meu agradecimento e a minha negativa. A imagem que registrei ao deixá-lo, com aquele sorriso triste no corpo ereto, não só me fez sentir uma personagem de E.M. Forster (inglesa, naturalmente) como parece ter fechado, simbolicamente, a experiência de cinco semanas na Índia, incluindo a convivência com antropólogos indianos, com quem eu havia discutido longamente os destinos da disciplina em nossos respectivos países.

Thomas, para começar. Se procuro analisar aquele episódio, descubro vários aspectos diferentes: primeiro, o fascínio dos indianos com o ocidente, do qual eu era símbolo e representante; segundo, o gosto pela erudição que percebi em Thomas, com suas histórias detalhadas sobre as peregrinações de São Tomás e suas estatísticas minuciosas relativas aos dados percentuais da população católica em várias partes do país; terceiro, a extrema delicadeza e polidez na sua relação comigo — a Índia me fez consciente de um grau de *impoliteness* que eu desconhecia em mim. Finalmente, a importância da religião como definidora de identidades sociais. É importante notar que Thomas desconhecia que o Brasil é um país oficial-